

Carequinha: alegria eterna

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

Morreu Carequinha, o palhaço com alma, emoção, alegria e pureza de criança.

Com ele, também, desapareceu o instante mais humano do palco e/ou picadeiro da história circense do Brasil.

Para as crianças, e para alguns adultos, mensurava-se o circo pelo desempenho do palhaço.

Ele era o rosto do chamado teatro de lona.

O seu coração, também.

Criança – eu me lembro bem – quando chegava o circo em Sousa, minha terra natal, a primeira pergunta que eu fazia a quem já vira o espetáculo, era sobre o desempenho do palhaço, isto é, se sabia realmente fazer graça.

Uma verdade, pois, axiomática: o circo era do tamanho do papel do seu palhaço.

Carequinha foi ícone de um longo tempo no território do riso e das brincadeiras.

Aliás, não estou sozinho nessa opinião.

Há companhias valiosas pensando igualmente a esse modesto ensaísta.

O mestre Carlos Heitor Cony, por exemplo, em nostálgica e sentimental crônica que escreveu recentemente, com o título de – *Carequinha, o bom* – lembrou que “Carequinha foi logomarca e trilha musical do início esforçado de nossa televisão”.

E continua o membro da Academia Brasileira de Letras: “Pulara do circo, *habitat* natural de um palhaço, para o grande circo eletrônico ainda em preto-e-branco, uma televisão ingênua como ele e na qual fazia a ligação do passado com o presente, trazendo sua máscara, seus tombos, sua boca enorme e vermelha escondendo a nostalgia disfarçada dos palhaços – ‘e enquanto o lábio trêmulo gargalha, dentro do peito o coração soluça’, segundo o soneto famoso”.

Assim, com todos os contratempos inerentes à profissão, Carequinha a viveu intensamente.

Para ele, como o ensina o cancionista popular, a vida era um palco iluminado, que ele sabia fazer melhor, mais romântico, mais humano, mais criança.

Agora, que a inevitável mão do destino o levou para outras paragens, conforta-nos o exemplo de sua vida, na inabalável convicção de que, paráfrase à parte, “o bom palhaço não chora, diz um verso e vai embora”.

E mais: não morre. Fica eternamente brincando de morto.